

Dançando entre fronteiras: arte, identidade e tensões raciais na trajetória de uma antropóloga afro-latina nos Estados Unidos

Dancing between borders: art, identity and racial tensions in the journey of an afro-latina anthropologist in the United States

Erika Rowinski (UNILA)*

Resumo: Camila Daniel é professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atua no campo interdisciplinar entre a Sociologia e a Antropologia, desenvolvendo pesquisa e extensão em temas relacionados a fluxos migratórios e relações étnico-raciais nas Américas. Na sua tese de doutorado, desenvolveu um estudo sobre a mobilidade estudantil de peruanos no Rio de Janeiro. Atualmente, tem analisado a construção de identidades raciais em contextos migratórios, a construção de redes de solidariedade inter-racial e interétnica em contextos de arte-ativismo e a produção cultural de imigrantes latino-americanos como ação política no Brasil e no Estados Unidos. É também pesquisadora-ativista de danças populares afro-latinas e fala, nessa entrevista, sobre o papel da dança em sua trajetória como pesquisadora, trazendo ainda sua perspectiva em relação às tensões raciais pelas quais passou em seu trabalho de campo com os peruanos nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Imigração peruana. Dança. Identidade. Tensões raciais.

Abstract: Camila Daniel is a professor at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. She works in the interdisciplinary field between Sociology and Anthropology, developing research and extension on themes related to migratory flows and ethnic-racial relations in the Americas. In her doctoral thesis, she developed a study on Peruvians students mobility in Rio de Janeiro. Currently, she has been analyzing the construction of racial identities in migratory contexts, also the construction of inter-racial and interethnic solidarity networks in contexts of art-activism and the cultural production of Latin American immigrants as a political action in Brazil and the United States. She is also a researcher-activist of Afro-Brazilian popular dances and in this interview she talks about the role of the dance in her path as a researcher, bringing as well her perspective regarding racial tensions she went through in her fieldwork with Peruvians in the United States and in Rio de Janeiro.

Keywords: Peruvian immigration. Dance. Identity. Racial tensions.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). E-mail: e.rowinski@aluno.unila.edu.br : Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4972954203335550>.

Como surgiu o interesse em pesquisar os peruanos nos Estados Unidos?

“Minha relação com os peruanos nos Estados Unidos começou muito antes. Tudo começou com os peruanos no Rio de Janeiro, em 2011, quando eu iniciei o trabalho de campo com eles. Na verdade, essa relação com o Peru começou muitos anos antes, em 2003, quando eu estava na graduação, e recebi uma bolsa para fazer um intercâmbio nos Estados Unidos e lá, pela primeira vez, eu me deparei com a classificação “latina”. Eu era classificada como latina e aí, entre os latinos, quando eles descobriam que eu era brasileira e portanto latina, existia uma espécie de solidariedade. E uma das disciplinas que eu fiz lá foi Política da América Latina e aí me dei conta que eu não tinha noção do que era América Latina, dos processos políticos que envolviam os países vizinhos, e voltei decidida a enfrentar essa minha ignorância e mudar isso. Ao voltar para o Brasil, percebi que a universidade, naquele momento, não me ajudaria a aprender mais sobre América Latina e então decidi que, assim que fosse possível, eu começaria a viajar pela América Latina. Então em 2007, a primeira viagem que fiz foi como turista para o Peru, e eu fiquei absolutamente fascinada e ao mesmo tempo ainda mais surpresa de ver, concretamente, que eu não tinha ideia do que eu ia encontrar lá. Então, voltando para o Brasil, decidi que eu iria estudar o Peru. Naquele momento eu já tinha interesse em migração, mas eu ainda não era uma estudiosa do campo dos estudos migratórios. Aí, quando eu entrei no doutorado, em 2010, eu decidi que era o momento de estudar um tema peruano e então decidi trabalhar com imigrantes peruanos no Rio de Janeiro. Comecei a procurar contatos com a comunidade e descobri uma vida comunitária peruana muito efervescente. Nesse período que comecei o trabalho de campo, tinha um peruano que organizava festas duas vezes por mês e aí, nessas festas, eu conheci um grupo de peruanos que tinham vindo para Rio de Janeiro como estudantes. Aqui no Rio, tem ainda o grupo de música afro-peruana chamado Negro Mendes e além disso, a comunidade peruana tem uma espécie de calendário de atividades como a celebração do Dia da Independência, em julho, em outubro a celebração do *Señor de los Milagros*, que é o santo padroeiro do Peru e, além disso, eu comecei a frequentar os ensaios do grupo *Sayari Danzas Peruanas* que era o grupo de danças folclóricas peruanas que tinha aqui no Rio. Depois de alguns ensaios eu me tornei uma integrante do grupo, que acabou sendo o meu principal espaço de socialização, porque além dos ensaios a gente se reunia para comemorar nossos

aniversários, para comer, para ir nas festas juntos. Então a partir daí eu construí uma vida social peruana que, de alguma maneira, ainda hoje eu participo.

Agora explicando como cheguei nos Estados Unidos, uma das questões que sempre perpassava o meu diálogo com os peruanos era a questão racial. De diferentes formas. Seja meio que em segredo, quando eles sabiam que eu era uma pesquisadora e que vinham pra mim e diziam “nós peruanos somos muito racistas” e aí eu ficava me perguntando o porquê de aquela pessoa, que acabou de me conhecer, estar me contando isso em segredo. Na época eu não conseguia entender, então só ouvia, achava que era um problema de dentro da comunidade, entre eles, que de alguma forma talvez quisessem colocar para fora, mas que não achavam os caminhos pra isso lá dentro. Mas agora, falando nesse assunto, fico me perguntando se talvez eles não estivessem querendo me alertar. Além disso, a raça aparecia muito frequentemente na relação com as danças, na escolha das danças, e esse se tornou um espaço muito privilegiado para se conversar sobre as classificações raciais no Peru, sobre as expectativas sobre cada ritmo e o que tá em volta dos ritmos. E uma questão que me tocava muito eram os ritmos afros, afro-peruanos, como eles são interpretados e como existia ali uma negociação comigo mesma sobre o meu medo de ser estereotipada e, ao mesmo tempo, o meu receio de verbalizar o meu incômodo com os estereótipos raciais negros, mas fazer isso a partir do meu lugar de negra e ao mesmo tempo reconhecendo que o meu lugar de brasileira também me colocava limites, já que eu não era peruana. Então eu não queria usar uma saia curta e rebolar em público, mas ao mesmo tempo eu me sentia constrangida em dizer que eles não podiam dançar daquele jeito porque, em última instância, o que estava em jogo era a construção de uma identidade peruana no Rio de Janeiro, e como não sou peruana, não me sentia à vontade de dizer como os peruanos tinham que representar a peruanidade. E esse é um tipo de conflito que eu acho que não tem muita solução. Eu ainda tenho esse cuidado de repensar o meu lugar de antropóloga e reconhecer que eu sou uma mulher negra, mas ao mesmo tempo uma antropóloga e que isso é também uma relação de poder (ser uma antropóloga).

O meu convite para participar do grupo de dança foi para recitar o poema “*me gritaron negra*”, da Victoria Santa Cruz, que é uma artista afro-peruana, que é uma grande referência do cânone afro-peruano e, obviamente, recitar esse poema deixa muito claro qual é o meu lugar. Apresentamos o poema em vários eventos importantes da comunidade, como o Dia da Independência, em alguns shows do Negro Mendes, e essas apresentações públicas do poema faziam com que as pessoas falassem sobre a

questão racial, sobre racismo antinegro no Peru. Então sempre fiquei com isso na cabeça, essa centralidade da raça e quais são as dinâmicas e negociações em torno da raça no contexto de migração. E os Estados Unidos é o país que mais recebe peruanos - em torno de 70% a 80% dos peruanos que estão fora do Peru, imigraram para os Estados Unidos – e tem uma cidade lá, Paterson, em Nova Jersey, que é a cidade que mais tem peruanos fora do Peru. Então sempre quis ir a Paterson para poder fazer esse trabalho de campo que eu leio nos livros, que o antropólogo faz as malas e vai para lá morar, entre muitas aspas, com os "nativos". Assim eu teria a chance de ser uma antropóloga "de verdade". Então foi assim, com essa ideia extremamente romantizada, que eu fui para os Estados Unidos. Consegui uma bolsa da CAPES de pós-doutorado e fui pra lá em 2016¹.

Como foi a sua inserção na comunidade peruana nos Estados Unidos?

Acho que eu posso relatar como não foi a minha inserção. Contextualizando e fazendo uma autocrítica, porque eu fui pra lá com uma ideia romantizada de muita coisa, eu estava muito empolgada porque seria a primeira vez que eu teria um financiamento de fato para eu fazer uma pesquisa, o que não é algo fácil na realidade de uma pesquisadora negra brasileira. Fui para lá muito animada mas também com muita ingenuidade. Como não foi difícil eu me inserir na comunidade peruana no Rio de Janeiro, eu imaginei que seria muito similar nos Estados Unidos. Inclusive imaginei que seria mais fácil ainda porque eu falo espanhol, danço danças peruanas, vou ao Peru pelo menos uma vez ao ano desde que comecei o trabalho de campo, como comida peruana, resumindo, já fui iniciada no mundo peruano. Mas eu estava muito enganada, primeiro porque eu me tornei uma migrante e ser uma migrante já é um desafio muito profundo na existência humana. Coisas muito básicas do dia a dia se tornam difíceis quando você é uma migrante, quando você não domina os códigos. Eu já tinha morado nos Estados Unidos, mas em um outro contexto, dentro de um *campus* universitário, onde minha vida era muito protegida, e dessa vez não foi o caso. Fui morar em Baltimore, que é uma cidade majoritariamente negra, onde eu não conhecia ninguém, e uma das coisas difíceis lá é que, apesar de eu falar inglês há muitos anos e não ter problemas para me comunicar nesse idioma, Baltimore tem uma espécie de sotaque ou dialeto local, não sei

¹ Foram feitos pequenos ajustes necessários na transcrição da entrevista oral para a linguagem escrita.

como nomear, mas a forma de usar o inglês popular em Baltimore é muito diferente do inglês padrão, leia-se inglês branco, que foi o inglês que eu aprendi. Então eu não tinha os códigos para me comunicar com os *baltimoreans* negros, que é a maioria na cidade, e isso dificultou a minha localização e o entendimento de como as coisas funcionavam na cidade. Fora isso, eu era uma brasileira negra nos Estados Unidos tentando fazer trabalho de campo com peruanos, então era muita informação que não cabia nas expectativas sociais. Na área que eu morei, em Baltimore, tem uma comunidade peruana grande, bem articulada e bem estruturada e ao mesmo tempo relativamente fechada para as pessoas que eles identificam como de fora e como uma possível ameaça, como pessoas negras. Então, não fui bem recebida em grande parte dos eventos que eu frequentava. Os espaços onde eu consegui ser recebida sem hostilidades foram os espaços que, antes de eu chegar, eu já conhecia alguém e essa pessoa me apresentava, então eu era meio que recomendada por aquela pessoa. Outros espaços que eu consegui frequentar foram aqueles organizados pelo consulado, então eu fazia contato com o consulado pra chegar até ali ou eu conhecia pessoas por meio de alguma instituição, como quando eu trabalhei como voluntária numa instituição que atendia imigrantes em Baltimore, e o meu trabalho era justamente a recepção deles. Então eu perguntava o nome, o país, o serviço que tinham ido buscar, e quando falavam que eram do Peru, eu puxava assunto, falava que conhecia o país, que ia sempre pra lá, que adorava a culinária e acabava falando do meu trabalho e perguntava se eles podiam me ajudar, e foi assim que conheci algumas pessoas. Então, nessa dinâmica eu troquei a metodologia para não fazer mais etnografia e foquei em fazer entrevistas com essas pessoas que eu conheci nesses meios.

Também havia os mecanismos da sociedade americana aos quais a comunidade peruana se incorporava. Fazer como eu fazia no Rio - de só ir na festa e começar a puxar conversa com as pessoas - não funcionou. Também acabei procurando contato de grupos de dança, como eu fiz aqui, mas também não funcionou. Pra eles, eu era uma completa estranha e as pessoas ficavam com receio, além do racismo.

O que também ajudou a tornar as duas experiências, a de Baltimore e a do Rio de Janeiro bem diferentes entre si é que aqui, apesar de haver uma hierarquia de poder, ao mesmo tempo a gente tem uma abertura, então aqui os peruanos se abriam mais. E fora o fato de eu ser uma brasileira no Brasil, e dentro da comunidade peruana essa era uma posição vantajosa. O que também acho que acontecia nos Estados Unidos é que as pessoas da comunidade peruana pensavam que eu era uma afro-estadunidense, e lá não

funciona como aqui, então os peruanos não pensavam “ah, que bom que ela é uma afro-estadunidense que quer interagir com a gente” e isso é uma prova concreta que o afro-estadunidense não é considerado estadunidense de fato. Estadunidense é sinônimo de branco e a comunidade peruana não está inventando isso do nada afinal ela tá vivendo numa sociedade em que as pessoas que não são brancas não são reconhecidas como estadunidenses. Inclusive, os próprios peruanos que nascem nos Estados Unidos não são incorporados, não são imaginados como cidadãos estadunidenses.

Qual é o papel da dança na sua pesquisa com a comunidade peruana?

Eu sempre quis dançar mas sempre tive vergonha do meu corpo e, na verdade, nunca tive muita habilidade corporal. Aí, comecei a fazer trabalho de campo com os peruanos e o trabalho era ir nas festas peruanas, ir nos ensaios de grupos de dança peruana. Comecei a me dar conta então que ir a festas, onde estava todo mundo dançando, e não dançar em nenhum momento era, no mínimo, muito estranho. Ficava uma situação muito discrepante. Eu não bebo, eu não danço, não tenho um namorado peruano: “O que essa mulher está fazendo aqui?”. Aquela situação me incomodava e aí, de tempos em tempos, alguém me tirava pra dançar e eu aceitava, mas eu não sabia o que fazer. Aí pensei que seria melhor eu começar a treinar, aprender para ter uma noção básica e não ficar tão feio porque quando alguém me tira para dançar, todo mundo olha e se eu não consigo acompanhar a dança, ninguém mais vai me tirar para dançar. E no código das danças, se um homem tira você para dançar é algo muito importante, é deselegante negar uma dança - a gente pode até discutir as questões de gênero na dança, muitos autores e autoras já fizeram isso – e eu estava ali aprendendo os códigos, então ainda não estava querendo fazer um debate feminista sobre a dança nas festas peruanas. E, afinal, eu sempre quis dançar, o que acabou sendo uma chance, pois me deu coragem já que eu estava num espaço em que todos dançavam. Comecei a treinar em casa, sozinha, procurava aulas de *merengue* e *salsa* no *YouTube*. Além disso, comecei a frequentar os ensaios do grupo de dança peruana e numa das apresentações do grupo, vi uma dança pela qual me apaixonei e decidi que ia aprender. Quando eu comecei a dançar nesse grupo acabei entrando nele e isso se tornou uma espécie de aceitação oficial. As danças folclóricas peruanas são importantes na construção da identidade nacional para os peruanos mesmo no Peru e, aqui no Rio de Janeiro, elas se tornam um símbolo ainda maior de peruanidade num contexto em que as referências peruanas são

muito limitadas, numa realidade em que a sociedade no Rio de Janeiro não conhece muito sobre o Peru.

Qual é o papel da arte na construção identitária das mulheres latinas que vivem nos Estados Unidos?

Antes de eu responder essa pergunta, acho importante dizer que a dança se tornou, pra mim, a possibilidade de conectar com os peruanos, de conhecê-los, o que era importante para o meu trabalho, mas ao mesmo tempo, dançar era uma forma de ocupar um espaço naquela comunidade que muitas vezes não era ocupado pelos próprios peruanos, por falta de tempo. Então era uma espécie de relação circular, já que me beneficiava com a produção de conhecimento antropológico e eu conseguia alcançar dimensões da vida peruana que, se eu não dançasse eu não iria conhecer e, por outro lado, foi importante para a comunidade ter alguém dançando, porque às vezes faltava gente mesmo: uma coreografia que não dava para fazer porque só havia duas pessoas, eu seria a terceira pessoa que viabilizaria aquela dança. Era um vínculo prático nesse caso. Além disso, como envolve o corpo, e os peruanos reconhecem esse trabalho corporal como algo muito genuíno, então é diferente só ir nas festas e ficar conversando com os peruanos. Colocar o corpo disponível para dançar danças folclóricas peruanas e eles acompanharem o meu desenvolvimento desde quando comecei, faz com que eles fiquem felizes porque reconhecem o meu interesse e o meu esforço. Ao mesmo tempo eles percebem que têm um conhecimento para me ensinar e reconhecem que eu estou levando um legado peruano mesmo não sendo peruana. Existe então uma dinâmica de reconhecimento que ultrapassa a racionalidade das palavras. Acho que essa ligação com o corpo permite um vínculo muito profundo que, se tivesse ficado só nas conversas, eu não teria alcançado. E colocar meu corpo inteiro disponível para dançar também foi uma transformação para mim como pessoa, como mulher negra, como mulher negra que sempre quis dançar, mas que sempre teve que se proteger dos estereótipos. Imaginar que meu corpo dançava não era algo libertador para mim porque, em geral, quando associam o meu corpo com a dança é para hiperssexualizar e exotizar. Então, com os peruanos eu encontrei um espaço para desenvolver a dança e por meio dela também as minhas emoções. E, conseqüentemente, construí um vínculo com eles no qual eles se reconhecem como produtores de conhecimento, respeitados por uma brasileira, o que se contrapõe à grande massa dos brasileiros que não tem muito interesse pelo Peru.

No seu artigo ““MORENA”: A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA CONTRA O RACISMO NO TRABALHO DE CAMPO”, você relata que, por ser latina, teve dificuldades de inserção na comunidade negra estadunidense. Por outro lado, também relata ter sentido barreiras da comunidade latina pelo fato de você ser negra. Você pode falar mais sobre isso?

Não farei essa análise sozinha desse lugar de duplo pertencimento e ausência – isso só pensando na questão de ser negra e latina – e queria citar um exemplo que considero muito paradigmático e muito importante para essa análise do lugar e não lugar dos afro-latinos, que é um coletivo que se chama *Black Latinas Know*. O grupo é composto por intelectuais negras, afro-latinas de diferentes países e que estão todas nos Estados Unidos e elas discutem o lugar central que a branquitude tem na latinidade. Então quando estamos discutindo latinas, grande parte do imaginário que se constrói em torno dessa latinidade gira em torno dos latinos brancos. Ao mesmo tempo, os latinos brancos têm muita dificuldade de nomear e reconhecer os privilégios que eles têm por serem brancos. E, do outro lado, o fato que a identidade negra é muitas vezes enclausurada à ideia de uma etnicidade e uma nacionalidade estadunidense. Mas, quanto mais tempo eu passo nos Estados Unidos interagindo com as pessoas negras, mais percebo o quão grande é a diversidade dos negros estadunidenses e que esse é um projeto muito mal intencionado de reduzir, nós negros, a uma meia dúzia de imagens. Me incluo também porque toda vez que vou aos Estados Unidos tenho que passar por isso. Como vou lá com alguma frequência, sou sempre influenciada por essas imagens limitadas. Acho que esse lugar de negra e latina é um lugar muito poderoso para a gente se dar conta dessas limitações que a experiência negra vive no mundo e também da reprodução de um projeto hegemônico de branquitude também dentro da latinidade.

Você pode dar algumas referências de autoras latino-americanas que sejam importantes na sua trajetória?

Um nome fundamental na minha trajetória é a Victoria Santa Cruz. Como negra brasileira, com muitos conflitos com a minha identidade brasileira e, depois passar a minha vida inteira ouvindo as pessoas me obrigando a sambar eu reagia a isso negando a dança, negando meu corpo. Ao mesmo tempo que eu queria dançar, eu tinha medo de ser reduzida a um estereótipo. Então, primeiro com o poema dela, “*me gritaron negra*”,

e depois de conhecer mais seu trabalho de reconstrução das manifestações culturais afro-peruanas, foi aberto um caminho para que eu construísse uma identidade negra mais continental, na qual eu me via representada em alguém que é negra, mas que não é brasileira. Acho que isso me permitiu me localizar no mapa da América Latina.

Os autores que discutem a decolonialidade de forma geral são muito importantes, mas considero a Lelia Gonzalez e o conceito de amefricanidade como tendo um papel central fora que, já em 1989, ela dialogava com Frantz Fanon, com Du Bois, Angela Davis, propondo alternativas.

Uma referência mais recente é a produção do coletivo *Black Latinas Know* que é um coletivo de intelectuais afro-latinas que estão nos Estados Unidos e elas têm ocupado o espaço público fazendo *lives*, têm um *Instagram*. Elas ocupam o espaço acadêmico, mas têm o compromisso de serem intelectuais que também circulam no espaço público discutindo essa noção extremamente problemática da latinidade que ainda é centrada na branquitude. Além disso, o papel das antropólogas negras é muito central para tocar na ferida desse racismo camuflado, que é racismo, mas não é nomeado como tal. E uma antropóloga negra que tem feito um trabalho muito admirável e fundamental é a afro-mexicana Monica Moreno Figueroa. Na discussão sobre feminismo na América Latina, a Ochy Curiel também é referência importante.

E uma antropóloga negra brasileira que tem me inspirado muito - conhecer o trabalho dela foi um divisor de águas para mim - principalmente nessa dimensão de reconhecer as emoções como um centro para análise e não só um resíduo é a Luciane de Oliveira Rocha.

Sendo sincera, meu diálogo com intelectuais negras hoje ainda acontece principalmente por meio de intelectuais negras estadunidenses como Patricia Hill Collins e bell hooks. Elas são duas grandes inspirações de como escrever, como construir textos que eu possa dialogar com a comunidade acadêmica, mas que também possam extrapolar esse público... uma escrita que me permita pensar sobre mim mesma, que possa ser uma estratégia de cura para mim.

Referências

DANIEL, Camila. "Morena": a epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo. *Revista Humanidades e Inovação*, v.6, n.16, p.23-34, nov 2019.

Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/60> . Acesso em
24 maio 2021.

Texto recebido em 24/05/2021.
Aceite em 25/07/2021.